

MONTEIRO LOBATO:

DA MATÉRIA E DA FORMA PARA UMA UTOPIA POSSÍVEL

Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ)

MATRAGA nº 11, 1999

*"Devemos escrever para crianças do mesmo jeito
que escrevemos para os adultos. Só que melhor."*

Maximo Gorki

Monteiro Lobato, considerado por vários críticos como um homem à frente de seu tempo, acreditava na educação para resolver os problemas sócio-político-econômicos do país. O espírito polêmico e individualista é passado reiteradamente para o leitor em suas obras, destinadas às crianças e aos adultos. Tal polêmica não se sustenta somente na realidade que o rodeava, mas na posição sistematicamente contrária que assumia, nas soluções que propunha para os problemas e na reformulação das próprias idéias, exercendo sempre elevado senso crítico.

Em suas múltiplas atividades — promotor, fazendeiro, político, editor, escritor — lutou pela modernização do país contra a máscara ufanista da riqueza e do desenvolvimento. Suas próprias palavras bem o atestam "Quando olho para trás, fico sem saber o que realmente sou. Porque tenho sido tudo, e creio que minha verdadeira vocação é procurar o que valha a pena ser."

A consciência nacionalista, alcançada pelo viés da educação, pressupunha que não bastava só saber, era necessário fazer, realizar, pôr em prática. A idéia de que cada um deve mudar para mudar a massa, assim como a preocupação constante de incentivar no indivíduo a liberdade de pensamento e ação inserem-se na linha de frente do pensamento lobatiano.

É na criança que Monteiro Lobato aposta ao afirmar:

"Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusóé de Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar." (*A Barca de Gleyre*, t. 2, p. 292).

É com ela que conta para as possibilidades de mudança, colocando-a como agente principal do seu projeto de vida, harmonizando-a com o mundo através de suas potencialidades e energias.

Apesar de todas as dificuldades, Monteiro Lobato viabilizou a circulação do texto literário entre nós, trazendo para primeiro plano as condições de produção, circulação e consumo num processo de modernização em termos da indústria editorial. É singular a sua inserção na história da literatura brasileira nos papéis de escritor e editor, ou seja, atuando em ambos os lados dessa questão cultural: a produção e a recepção.

A sua obra literária - a infantil e a adulta - confirma a importância de que se reveste para Lobato o ato da leitura e, por extensão, o objeto livro. Só para citar alguns exemplos, Dona Benta recebe livros pelo correio e os lê com os netos, Alice conversa em português porque já foi "traduzida", os moradores de Oblívion manuseiam os três livros da cidadezinha, os narradores dos contos lembram de suas leituras em suas histórias.

Na passagem do século, a literatura infantil brasileira não se impõe por sua criatividade — os textos nada mais são do que traduções ou versões da literatura europeia da época. O que era originário daqui apresentava visão conservadora da infância, com personagens-modelos e padrões rígidos de comportamento.

Sendo literatura infantil brasileira como formação histórica moderna, torna-se significativo, então, o fato de Lobato ter-se nela distinguido. Essa literatura, ao surgir em 1921 - *A Menina Narizinho Arrebitado* depois *Reinações de Narizinho* - aponta para a maturidade da formação burguesa de certas faixas da população, estratificada em diferentes leitores. O sucesso do escritor reforça sua afinidade com o mundo moderno da época.

Além de todos os notórios sinais da modernidade de Lobato, há uma série de procedimentos literários reconhecidos como modernistas e de vanguarda pela crítica a partir de 1922.

Começaríamos por destacar a oralidade da narrativa — uma maneira de criticar violentamente o rigor acadêmico de velhas fórmulas, os modelos importados — dentro de ambiente popular, dando margem ao aparecimento de um trabalho inovador com a linguagem, tanto reproduzindo quanto criando, rompendo com o convencional, da sintaxe ao léxico.

Focalizando apenas sua obra infantil, podemos dizer que o sítio de Dona Benta, microcosmo do Brasil, retoma e transfigura Itaoca, das Cidades Mortas. As aventuras transitam entre O Sítio e outros espaços (a Grécia Antiga, os contos europeus das fadas), lembrando o recurso da colagem: a mudança dos personagens dos contos da Carochinha para o Sítio, o ribeirão que o corta e que abriga o Reino-das-Águas-Claras, além de ser o ponto de partida para uma viagem ao céu deixam o Sítio, segundo Marisa Lajolo, parecido com o sertão de Guimarães Rosa, que é o mundo. Para ela também o *modus operandi* de *Macunaíma* já se delineia na ruptura dos limites geográficos, no tempo inesgotável, no recurso do pirlimpimpim e no jogo do faz-de-conta.

O senso crítico lobatiano é presença forte, afinando-se com outros projetos de vanguarda. A própria retomada da tradição literária européia se faz, pelo viés da recriação, no seu olhar nacional singularíssimo, carregado de intenções ao avaliar o contexto tradicional.

A síntese perfeita da liberdade de pensamento e ação que suas histórias defendiam está na “boneca” Emília ou na “evolução gental”, como ela mesma se definia. É a personagem mais importante para se compreender o universo lobatiano, já que vive em tensão dialética com os outros. Representa a ambigüidade do homem com suas características positivas, as realizações, as preocupações sociais, a crítica franca, a curiosidade e a tendência ao despotismo (exploração do Visconde), a tentativa de domínio, a exacerbação da individualidade. Emília, acima de qualquer julgamento, é ousada, perseverante, franca. Não só tem idéias, executa-as, cria condições para que o saber e o fazer caminhem sempre juntos.

A historiografia contemporânea privilegiou a corrente modernista em detrimento das outras que a antecederam, minimizando Lobato, dentre outros. Já é tempo, pois, de resgatar sua importância, mas não só como festejado escritor infantil. Torna-se fundamental destacar seu engajamento político e a atuação nos mais diversos campos, sempre objetivando solucionar os graves problemas do país. A sua obra literária adulta também parece esquecida. Desde 1914 — bem antes da Semana de 22 — Lobato tentava resgatar nossas raízes nos mais variados campos do saber e da criação artístico-literária. Para o crítico Wilson Martins, o autor deveria ter sido o líder natural do movimento modernista, já que **pregava e praticava** um projeto de modernização do país que transcendia as letras. Só ao longo do tempo, com a descoberta de outras fontes e novas pesquisas, fatos considerados verdades absolutas puderam ser revistos, desfazendo certos mitos como as relações de Lobato com o movimento modernista. Deve-se celebrá-lo pela sua preocupação com a renovação da literatura no sentido do encontro com o autêntico da realidade brasileira com a linguagem brasileira.

Estudos recentes derrubam a tese do rompimento radical de Lobato com os modernistas, basta ver o seu diálogo com Oswald de Andrade e Sérgio Milliet na década de 20, embora o último tenha amargado seu discurso sobre o autor de *Urupês* nos anos seguintes. É curioso também o fato de que, em 1922, Lobato, o mais importante editor brasileiro na época, colocava no mercado livros de autores modernistas com capas de Anita Malfati, justamente o motivo do polêmico episódio gerado a partir da crítica à exposição da pintora em 1917, que redundou em tantos desdobramentos. Sem entrar no mérito da questão, pois não é esse o objetivo aqui pretendido, cabe ressaltar que Lobato não era adepto de nenhum “ismo” importado: futurismo, cubismo, dadaísmo, etc., nem das experimentações herméticas, seja na língua escrita ou nas artes plásticas. Acreditava com convicção que o país não podia pensar em francês e escrever na língua portuguesa de Portugal. Sempre foi um brasileiro informado, tentando compreender, através de sua personalidade polivalente e inquieta, a realidade do Brasil, para modificá-la. E, sem dúvida, em sua trajetória, a independência foi uma marca muito forte.

Dentro do comprometimento com as coisas do seu país, o fato é que a maioria dos problemas que Lobato denunciava e tentava mudar, continuam os mesmos nos dias de hoje — às vezes até maiores. Seja na área da saúde (*Problema Vital*, 1918), na distribuição da terra, na reforma agrária (*Zé Brasil*, 1947), na socialização da cultura, na ética da política, na justiça social, na figura do Jeca Tatu, que tanto mal faz à terra, e o que essa figura simboliza, muito pouco ou nada se avançou, considerando fatores diversos. Constatamos, então, que suas preocupações permanecem atualíssimas, isto é, infelizmente, ainda são uma triste e cruel realidade.

Cassiano Nunes em recente artigo da *Folha de São Paulo*, num suplemento especial dedicado a homenagear Lobato pelo cinquentenário de sua morte, escreve que o escritor foi “o primeiro autor brasileiro a tratar as crianças como seres pensantes, capazes de ponderar sobre assuntos “sérios” e juízos contraditórios a fim de formar convicção própria, se não houvesse sido, antes, simplesmente o primeiro escritor que se dedicou a elas. Bastariam essas razões para que lhe fosse confirmado o epíteto de clássico, num país onde eles não são freqüentes a ponto de se dispersarem com um “piparote” — como ele próprio diria.”

Acreditamos ser oportuno falar sobre essa literatura infantil, abordando um aspecto fundamental de sua obra, que é o tratamento lingüístico que lhe é dispensado.

Monteiro Lobato busca uma renovação constante nas possibilidades inúmeras que a língua nos oferece, dinamizando-a, explorando-lhe ao máximo as potencialidades, as suas diversas realizações, não se prendendo ao convencional, mesmo quando dele precisa para reavaliá-lo, reaproveitá-lo ou partir para novas propostas. Passa a idéia de que a língua não é rígida, prestando-se a diferentes usos que dependem de contexto e posição.

A maioria dos experimentos lingüísticos se realiza através da personagem Emília. O estatuto de boneca lhe confere liberdade de atitudes e de “falações”. Tudo lhe é permitido, gerando uma prática, eminentemente lúdica, no trato com a palavra, que subverte a ordem estabelecida e a regra, instaurando próprias regras. A sua visão da linguagem é prática, funcional. Ela está a seu serviço:

“— A gramática, minha filha, é uma criada da língua e não uma dona. O dono da língua somos nós, o povo — e a gramática o que tem a fazer é, humildemente, ir registrando o nosso modo de falar. Quem manda é o uso geral e não a gramática. Se todos nós começarmos a usar o tu e o você misturados, a gramática só tem uma coisa a fazer...”

“— Eu sei o que ela tem a fazer, vovó! — gritou Pedrinho. É pôr o rabo entre as pernas e murchar as orelhas...” (*Fábulas*, 48)

A entrada da personagem Emília no mundo das palavras é curiosa. A célebre “torneirinha de asneiras” se abre por efeito das pílulas falantes do Doutor Caramujo ou Doutor Cara-de-Coruja, no dizer da boneca, quando sua fala ainda não estava bem regulada. Durante todas as

narrativas lobatianas, essa característica — a da manipulação — será uma constante. Manipulam-se as palavras e, conseqüentemente, as idéias, sendo usados para isso, vários caminhos ou recursos, conforme o caso.

Emília forja tal comportamento lingüístico, nesse à vontade em que transita com desenvoltura e naturalidade entre o estabelecido e o diferente, instaurando nova e instigante ordem. Através da Emília, Monteiro Lobato cria, mas não no sentido ao qual estamos habituados, de inovar por inovar. Regem-no o bom senso, a visão do gênio para ousar, sem que as aparentes transgressões violentem as estruturas lingüísticas.

Há passagens deliciosas onde Emília explora o trocadilho, o jogo com as palavras:

“Também você **Bruto!**” — e caiu atravessado pelos punhais assassinos.

Nesse ponto Emília deu uma piadinha:

— Acho que a morte de César foi uma **brutalidade...**” (*Hércules I*, 106)

“Depois dividiram o quilo em mil partes iguais, e cada parte ficou sendo um **grama**.

— E os vendeiros **têm agora de gramar** ali no peso certo, não é assim?

— Nossa Senhora! — exclamou Dona Benta. Até trocadilho esta diabinha já faz...

(*Aritmética*, 153)

O aproveitamento da etimologia popular com base na analogia dá ensejo ao aparecimento de situações lingüísticas como:

“Um letreiro amarelo em língua sueca e a palavra **Jonkoping** em baixo. O povo dizia que eram fósforos do **João dos Copinhos ...**” (*Invenções*, 47)

A própria Emília, se referindo a Dona Etimologia, fá-lo de várias maneiras:

“— Voltemos aos sufixos, que são mais engraçadinhos — propôs Emília. Diga uma porção delas, Dona **Timótea**.” (*Gramática*, 95)

“— Viva! Viva! — gritou ela batendo palmas. Deu certinho! Venha ver, Dona **Eufrásia!** Com uma Raiz e um Sufixo fabricamos uma palavra nova...” (*Gramática*, 96)

“— Não se assuste, Dona **Eulália!** — gritou Emília. Este paquiderme é mansíssimo...” (*Gramática*, 103)

A significação das palavras é dada através de sua própria camada fônica:

“— Com certeza vocês sabem o que é **Vesúvio** ...

— Sei! ... gritou Emília que acabara de entrar na cozinha onde estivera atropelando Tia Nastácia. Vesúvio quer dizer: **tu vês, mas o u já viu.**" (*História*, 116)

A derivação e a composição aparecem nos textos de Lobato sob ótica inspiradíssima, já que faz combinações desusadas com grande efeito expressivo, numa engenhosa atividade criadora:

"Não entendo essas **viscondadas**, não..." (*D. Quixote*, 16)

"... a história do Pégaso, do Bucéfalo, do cavalo de Tróia e outras "**cavalências**" célebres." (*Reinações*, 208)

"— Pois até bonecas pensantes, falantes e **asneirantes** nós já inventamos..." (*Invenções*, 23)

"Ao chegarem à planície, um coricocó **corococou** ao longe." (*Minotauro*, 120)

"O algodão está **encimíssimo**..." (*Chave*, 63)

"Será possível? — exclamou Pedrinho.

Emília não tirava os olhos do binóculo.

— **Bis-possível!** — murmurou." (*Picapau*, 171)

"Olhava e **re-olhava** para o famoso grego como se..." (*Minotauro*, 32)

"— E os pastores deixam, vovó, que esses sábios **descarneirem** a carneirada estúpida?" (*Viagem*, 21)

"Esse leão é invulnerável, mas será **inamassável**?" (*Hércules I*, 22)

"Vocês façam esses "**pratos-bonitezás**" que eu faço os meus "**pratos-gostosuras**"." (*Picapau*, 161)

"Pronto que foi o **borboletograma**, surgiu uma dificuldade. A quem endereçá-lo." (*Reinações*, 59)

"A senhora Condessa está sofrendo duma anemia macelar no pernil **barrigóide** esquerdo." (*Reinações*, 66)

Monteiro Lobato redefine certos fatos, objetos, comportamentos através de traços mais poéticos, mais exóticos, mas com total logicidade nos princípios que lhes norteiam o aparecimento.

"Sei — disse Emília. **Essas árvores são as vacas vegetais do Amazonas.** Os tais seringueiros tiram-lhe o leite e fazem coalhada; depois da coalhada fazem **requeijão — que é a borracha.**" (*Geografia*, 71)

"Nós, gramáticos, usamos um nome muito feio para **designar** tais substantivos — **Epicenos.**"

"— **Isso não é designar, é xingar!** — disse Emília." (*Gramática*, 34)

As criações vocabulares se efetuam pela necessidade de nomear o fato lingüístico, não importando se o referente é novo ou não. É fundamental tal criação ser mais adequada ao espírito lobatiano, ao contexto em que se insere.

“Não perdem tempo em enfeitar palavras com **bolostroquinhas** dispensáveis.” (*Gramática*, 157)

“Porque o Visconde diz que os animais do “**naipe**” dos ratos já nascem sabendo o que é gato.” (*Fábulas*, 110)

Publicada em 1934, *Emília no País da Gramática* leva o pessoal do Sítio a visitar os conceitos gramaticais. Lobato aproveita para criticar, de forma contundente, a ortodoxia gramatical com toda rigidez e apego excessivo ao passado. Faz um libelo apaixonado — que perpassa todas as suas obras — a favor de uma língua viva, funcional e criativa com os usuários manipulando-a de acordo com as suas necessidades, sem traumas e limitações.

A questão do ensino da língua, desprovido de criatividade e reflexão críticas, merecia de Lobato sérias restrições. Pedrinho é seu porta-voz:

“Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndio...” (p.7)

Certas regras vigentes são contestadas. À recomendação de se usarem aspas nas palavras estrangeiras, cabe o comentário de Narizinho.

“Acho odioso isso. Assim como num país entram livremente homens de todas as raças — italianos, franceses, ingleses, russos, polacos, assim também devia ser com as palavras. Eu, se fosse ditadora, abria as portas da nossa língua a todas as palavras que quisessem entrar — e não exigiria que as coitadinhas de fora andassem marcadas com os tais grifos e as tais aspas.” (p. 23)

Monteiro Lobato encontra um jeito especialíssimo para “ensinar” a noção gramatical:

“Mas que é um verbo afinal de contas?... Verbo é uma palavra que muda muito de forma e serve para indicar o que os substantivos fazem. A maior parte dos verbos assumem sessenta e cinco formas diferentes... Nesse caso são os camaleões da língua... São palavras políticas que se ajeitam a todas as situações da vida.” (p. 53)

Estabeleceu também relações naturais entre a gramática e a vida:

“As frases formam-se para exprimir o pensamento dos homens, e a boa ordem das palavras na frase ajuda a expressão do pensamento... A senhora tem toda razão — concordou a boneca. Lá no sítio de Dona Benta o Substantivo Nastácia também gosta de dar ordem a tudo, porque a ordem facilita a vida, diz ela.” (p. 122)

Nesta obra, Lobato ratifica sua própria postura crítica em relação à realidade objetiva, instaurando-a por meio da linguagem e com seu inestimável auxílio. Tal fato o coloca ao lado dos modernistas da década de 20. Mesmo que *Emília no País da Gramática* seja de 1934, as mudanças propostas, já vinham de 1918, quatro anos antes da Semana de Arte Moderna.

Continuamos a achar que ainda não se falou tudo a respeito de Monteiro Lobato. Sua obra adulta, por exemplo, merece mais vozes, não simplesmente “ecos”. Silviano Santiago no já citado suplemento da *Folha de São Paulo*, faz, em boa hora, uma análise dessa literatura, comentando, dentre outros assuntos, a obsessão do escritor pela idéia de decadência, a confiança no progresso e o horror à estilização em obras como *Urupês* e *Cidades Mortas*. Sua literatura infantil também deveria ser mais (re)conhecida. As múltiplas facetas do escritor ainda não foram todas e completamente desveladas.

J. Roberto Whitaker Penteado, autor do recente *Os filhos de Lobato*, afirma que o escritor não fez proselitismo ideológico. Para ele, sua maior importância e sua vitória foram contribuir, com inteligência e emoção, para o permanente processo de individuação de cada leitor, saindo “da morada de seus livros diretamente ao encontro de nós mesmos.”

Os estudos existentes sobre Lobato, em sua maioria, abordam aspectos relativos à produção: questões biográficas, ideológicas, estéticas, lingüísticas. Há teses, artigos, livros que enfocam tal vertente. Penteado tem o grande mérito, aliás, de trilhar outro caminho, voltando-se para o eixo da recepção da obra lobatiana. Seu trabalho é interdisciplinar, explorando não só o literário, como o social, o psicológico, o econômico.

É bastante original a conclusiva constatação, depois de exaustiva pesquisa, de que uma geração de homens e mulheres bem-sucedidos leram Monteiro Lobato. Banqueiros, economistas, juízes, engenheiros, médicos, professores tornaram-se melhores e mais criativos profissionais após freqüentarem assiduamente *O Sítio do Picapau Amarelo*.

Incluimo-nos, não sem orgulho assumido, na relação acima, ratificando a admiração pelo genial criador que povoou de beleza e encantamento a nossa infância, atualmente servindo-nos do pirlimpimpim na justa medida à nossa realidade pessoal e profissional, no ato fundamental de transformar o saber em fazer com sabor e arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de et al.. *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

AZEVEDO, Carmen Lucia de *et al.* *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Senac, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 5. ed. revista. 1991.

FOLHA DE SÃO PAULO. 5º caderno "Mais!", 28/6/98.

LAJOLO, Marisa. "A modernidade em Monteiro Lobato" in *Letras de Hoje*. PUC/ RS, nº 49, set. 1982.

LOBATO, Monteiro. *Emília no país da gramática*. São Paulo: Brasiliense, 1958.

LOBATO, Monteiro. *Obra infantil de Monteiro Lobato*. Brasiliense.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Os filhos de lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Qualitymark/ Dunya, 1997.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. *Processos expressivos na literatura infantil de Monteiro Lobato*. Dissertação de Mestrado. PUC/ RJ, 1980.

PROLEITURA. Meio século sem Lobato. Ano 5, nº 18, UNESP, fev. 98. PROLEITURA. *Meio século sem Lobato*. Ano 5, nº 18, UNESP, fev. 98.